

---

# SOBRE A INGENUIDADE CORROSIVA

---

OU UMA LEITURA DO  
COLÓQUIO DE 24 GALLEGOS RÚSTICOS  
DO  
RMO P. M. FR. MARTIN SARMIENTO,  
BENEDICTINO



Ernesto Vázquez Souza

\*\*\*\*\*  
*DE CÂNONES E CANÕES*  
\*\*\*\*\*

---

**SOBRE A INGENUIDADE CORROSIVA**

---

OU UMA LEITURA DO  
*COLÓQUIO DE 24 GALLEGOS RÚSTICOS*

DO

RMO P. M. FR. MARTIN SARMIENTO.

BENEDICTINO



*por Ernesto Vázquez Souza*

Para o

PORTAL GALEGO DA LÍNGUA  
Especial Entrudo MMVIII



*Para o Bernardo Penabade,  
galego das Granhas do Sor,  
(como quem diz ninguém,  
como apenas sabem dizer  
Balbino ou Marcos da Portela)  
pelas horas de lenta conversa retranqueira e  
pela hospitalidade entre os seus.*

*Pero ainda que nos favorezan as comparanzas, e ainda que individualmente os galegos teñen azos para redimírense da miseria, pol-a intelixencia, a perseverancia e o traballo, tamén é certo que o noso povo carece de siso colectivo para exercitar os seus dereitos, presentándose decote como unha grea vencida e resiñada diante do Poder. Isto é verdade pero ¿qué pasou para qué en Galiza as calidades individuais non concorden coas calidades colectivas? Para responder a esta pregunta abundará con consultar os catro séculos derradeiros da nosa hestoria. A realidade actual dá noxo; pero non podemos fuxir d-ela por escupros inúteis, pois para modelar un povo de barro é forzoso luxar as mans. De tal xeito se impón unha política de realidades, que os mesmos defectos deben ser cultivados, para que se troquen en virtudes. Fundir-se co povo, sentir as angurias da súa resiñación, infundirlle conciencia da súa personalidade e capacidade, darlle vida e arelas para prosperar. Primeiro SER; despois trunfar. Porque aquel que non teña fé absoluta nas virtudes, en potencia, do noso povo, non ten dereito a galvanizalo con promesas electoreiras e transitorias.*

*Nós temos fé no noso povo e moi logo o noso povo terá fé en nós.*

*Badaxoz, Abril-Outono, 1935*

**Castelao**, *Sempre em Galiza*. Adro

# DESOCUPADO LEITOR

*Há já vários anos que me ronda entre apontamentos e conversas compartilhar esta leitura sobre o conhecido **Coloquio de 24 gallegos rústicos**, mas só agora, a demanda de um amigo e discreto e para agasalhar, como merece outro, é que me decido.*

*Comentava-me este amigo primeiro em letra epistolar da debilidade tópica com que se abordam desde a Galiza os grandes textos produzidos pelos mais nobres dos seus filhos e encomendava-me resposta. Remedando o jeito de Sarmiento, pareceu-me disposto o entrudo e a ocasião deste ano em que se louva o notável falsificador do **Cancioeiro de Monfero**, para vestir o hábito do bento e passar na sua sacola entre papéis e palavras eruditas um algo de razão entre tanta sem razão.*

*Mas, que é privilégio do Entrudo, desconfiai das máscaras feras e dos poderosos quanto dos papéis velhos: os mais são farsas polémicas, falsos cronicões góticos ou apenas cópia de autoridades para propaganda de validos e polícia de ideias nas nações.*

# Sobre a ingenuidade corrosiva. Ou uma leitura do Colóquio de 24 gallegos rústicos de Martin Sarmiento.

*1 Como já foi sinalado por numerosos amantes das nossas letras, há, na crítica galega, como um aquele de desleixo, um ambiente mais favorável para assumir leituras vagas, ultrapassadas que não ousadeiras na superação do “quadro comum” da Literatura e cultura espanhola. Em que a galega – questão da preeminência canónica que algum dia haverá que revisar a sério – funcionou de reboque regional.*

*2 Na Galiza, seguindo cega a tradição filo ilógica da mui política Escola Filológica Castelhana, a Linguística, ocupando com categorias e políticas o espaço da razão e o estudo dos textos, tem anulado a capacidade leitora quanto a filologia tem provocado uma estranha fixação nos eruditos de jeito que se ocupam volumes de fólhos incontáveis em comentarem os mínimos rascunhos que, às vezes, o tempo, o infortúnio, a humidade, os xilófagos, quanto os pequenos mamíferos e os copistas desleixados (como o que isto escreve) têm provocado. Entanto, nos textos continuam sem se ler e sem se associar os contextos e tradições que as palavras nos evocam e mesmo nos apontam direitas.*

*3 Mesmo nestes parâmetros, não deixa de ser surpreendente a pouca sorte que coube à obra de Martin Sarmiento nos últimos trinta anos. Mais, dado o carácter de “voz nacional” atribuído já pelos seus mais velhos editores e discípulos leitores (Pintos, Murguía, Antolín López Peláez, Carré Aldao, Otero Pedrayo, Seoane) quanto pelo evidente papel de elo e arauto entre a tradição medieval e o Rexurdimento. É sintomático que a maior parte da sua obra permaneça inédita (à espera do muito e muito anunciado [Proxecto Sarmiento](#)) ou espargida por vários arquivos e bibliotecas. (Para uma análise da recepção da obra veja-se Axeitos, X. L. : **As coplas galegas do Padre Sarmiento**, Eds. do Castro, 2002 (2ª) p. 23-28*

*4 Revelador é também considerar como desde os anos cinquenta até ao presente – e ainda o Dia-das-letras-galegas-2002 – a sua obra não foi estudada dentro de um discurso integrador, nem mesmo dentro das pautas com que se lia no Século XIX. Com os casos de Murguía, Rosalía ou o mesmo Castelão, as leituras têm escapado das possíveis análises*

*críticas na procura da erudição, da arte ou mesmo da mera filologia. Há um não querer ver além dos próprios preconceitos e da ciência herdada, que foi – ó ironia – contra o que se levantaram no seu século as vozes frescas de Sarmiento e do seu mestre, Feijó, seguindo, aliás, a tradição da sua terra.*

*5 Qualquer leitor atento que tenha reparado um pouco nos textos de Sarmiento poderia constatar uma diferença grande de estilo com o seu mestre. A maior carga de humor que transcende da sua prosa, ironia crítica, por vezes retranqueira, por vezes demolidora. Se bem na **Defensa apologética** do Teatro Crítico do Padre Feijó o carácter do texto corta um tanto este aspecto, não é deste jeito nas mais das obras que conservamos. Mas, evidentemente, a Defesa foi o único texto destinado aos prelos. O resto das obras de Sarmiento está composto de reflexões pessoais e de “Cartas eruditas e curiosas” endereçadas a particulares ou públicos privados sobre os mais diversos temas. Em muitas destas, de carácter social, técnico, literário e histórico-humanístico é onde se revela o humor do bento.*

*6 Uma outra consideração prévia merece ser tida em conta: a tendência a formular as suas hipóteses em ordem a uma espécie de discurso de método (“materialismo histórico” primitivo e relativista, matizado pela sua condição de religioso). A sua mais redonda obra: **Memoria para la Historia para la Poesía y los poetas españoles** aparece definida por uma afirmação de método, que faria as delícias de um Marc Bloch:*

*# 14- Obra muy curiosa, y selecta sería una Historia general de la poesía, si existiese semejante obra. Si las fatigas de los Doctos se hubiesen reglado desde los principios tendríamos en menos número de volúmenes mas copia de excelentes noticias, que yá al presente ó son inaveriguables, ó están totalmente perdidas. No hallaré dificultad en proferir que la mayor parte de los libros que se han escrito de Historia, lo que menos contienen es lo que debiera ser el objeto principal de ella. (p.6-7)*

*# 17- De esta inadvertencia se originó, que habiendo tantos libros con el título de Historias, que yo solo llamára Anales Polémicos, haya tan pocas historias de lo que mas nos importaba saber; y yá vivimos casi imposibilitados para averiguarlo. Sé que ya hay hoy Historias de la Philosophía, de la Jurisprudencia, de la Theología, de la música, de la Medicina, de la Matemática, &c. Pero por lo que mira al primitivo origen, mas son colecciones de tal qual fragmento, ó no inconcuso, ó no entendido, que verdadera Historia. (p.7-8)*

*# 18- A la poesía le ha sucedido lo mismo. No ignoro que hay Historias de la Poesía de esta, ó de la otra Nación; pero al querer señalar el cierto origen, ó se copian, ó se contradicen unas á otras. Comun defecto es este á todo género de Historiadores, que ó recurren á siglos fabulosos, quando no hallan que decir, ó molestan, como dicen, ab ovo ad mala, quando hallan mucho que copiar. A este tenor no sería difícil componer una Historia general de la*

*Poesía, en vista de lo mucho que hay escrito sobre ella, creyendo á ciegas, y copiando a bulto. (p.8)*

*(Memoria para La Historia de la Poesia, y poetas españoles. Obras Posthumas Del R.<sup>Mo</sup> P. Fr. Martin Sarmiento Benedictino. Tomo Primero, Madrid: Joachin Ibarra Impresor, MDCCLXXV)*

*7 E também a sua prosa está apurada por uma destacada analítica histórica bem mais humana (humanista) e explicativa da escrita que pretensamente científica. Na sua mui documentada e não isenta de ironia **Noticia de la verdadera patria (Alcalá) de él Miguel de Cervantes : estropeado en Lepanto, cautivo en Argel y autor del Quixote, y conjetura sobre la ínsula Barataria de Sancho Panza** (Ed. 1761) coroava o ensaio com um “Epílogo Chronológico” que principiava:*

*291 Nunca pensé pasar de tres pliegos quando tomé la Pluma para escribir este Papel. pero se encadenaron tanto unas especies con otras que no pude evitar que llegase à 20 Pliegos, de esta mi letra; aun escribiendo con concisión. Se ser conciso quando quiero; y no tengo que decir; y tambien se ser difuso, quando se me ofrece decir cosas, que no se podrán copiar de los Libros. Pero como hay estómagos intelectuales tan débiles, y flacos que no pueden digerir la lectura de medio pliego de papel, porque están habituados à solo leer esquelas; procuraré dar gusto aun a estos, reduciendo aqui à períodos de una esquela, todo lo sustancial, que he escrito en estos 20 Pliegos. Para que la Concisión no obscurezca la Claridad, seguiré el orden cronológico, según las fechas que se han podido averiguar, o con evidencia ò por sólidas congeturas”*

*8 Soberba e raiva, porém, circulam mais do que deveram para frade em tempos de índices e churrascos humanos pelas suas páginas e, talvez, a prevenção explique, melhor que a humildade, a reticência em publicar:*

*Soy enemigo de irritare cabrones, hablando según el adagio latino (...) Discurra ahora qué caso haré de lo que dicen, escriben, o murmuran de mí urracas, cuervos y grajos. Estoy firmísimo en la consideración de que para persuadirme mi ignorancia no ha de ser más viva su retórica que lo es mi conciencia y conocimiento propio. Y para moverme a vanidad, es preciso nazca otra clase de aduladores. En breve, tengo la vanidad de que conozco mi ignorancia y el bobático consuelo de que también conozco la de los que se meten de gorra a eruditos. Mientras con su pan se lo comen, yo procuro divertirme con 1500 libros que tengo en mi celda, engañando a mi propia ignorancia y sin ánimo de escribir cosa hasta que haya leído mucho.*

*(Carta de Sarmiento a D. Francisco Díaz, do 7 de Julho de 1734, Arquivo de Silos, ms. 62. Cito por **Reflexiones literarias para una biblioteca real (A referencia cultural da ilustración española)** edición e estudio de José Santos Puerto, Consello da Cultura Galega, 2002).*

9 É curioso destacar como para a maior parte dos estudiosos de Sarmiento a reticência a dar ao prelo as suas obras radica na personalidade complexa do autor. Como indica José S. Puerto, na linha estabelecida por J. L. Pensado:

*A negativa de Sarmiento a publica-los seus escritos, a fama de estafalario entre aqueles que non eran capaces de entendelo cando se produciu a súa viraxe cara ó côté da utopía, o seu posterior encadramento como experto no plebeo e o extravagante por dedica-los seus esforzos intelectuais a investiga-la lingua, as tradicións e a cultura galega nunha época histórica máis proclive á uniformidade castelanizadora, a intencionalidade ocultista daqueles que, coñecendo a orixinalidade das súas investigacións, preferiron contribuir ó seu esquecemento porque desa maneira podían aproveitar parcialmente os eus traballos como de propio parto, contribuiu a que a súa produción intelectual se atopase, ata época recente, inédita e manuscrita.*

(**Ibidem**, p.34)

10 Porém, para o “passeado” Ernst Lluch era evidente que a fábrica de papéis do Bieito distava muito de ser a empresa ilhada e casual de um monge erudito como ele mesmo fingia apresentar-se mas, pelo contrário, a plataforma que lhe permitia a sociabilidade e o canal da sua paixão por influir na vida colectiva da Galiza. (LLUCH, E: “La visión económica de Sarmiento”, **O Padre Sarmiento e o seu tempo, Congreso**, Actas, I, p. 91-114, Ref. em Axeitos, **opus.cit.** p.31)

11 De qualquer jeito, o polivalente ensaísta, leitor atrabiliário e grafómano impenitente é um dos pontos capitais na transmissão de uma erudição galega tão antiga e impressionante na avidez leitora e na síntese de razão quanto na defesa da originalidade e preeminência da Galiza (do Reino e das suas elites) entre os reinos hispânicos. É o elo que permite estabelecer um continuum entre a quebrada reivindicação galega dos séculos XVI-XVII e a dos séculos XIX-XX.

12 Porém, não pretendemos falsificar este precursor de todo o saber crítico e interesseiramente situá-lo na vaga de progressistas que fizeram possível isso que nomeamos Rexurdimento. Não, para isso já temos o mestre Voltaire. O nosso monge pertence ao Antigo Regime por direito e por própria escolha. Mas não é tanto um desses eruditos que floresceram na tentativa um pouco racionalizadora do primitivo e teológico país que “herdaram” os primeiros Borbons, quanto um autêntico moucho, um dos últimos representantes da erudição galega quanto da orgulhosa Galiza antiga mantenedora dos seus privilégios.

13 Sarmiento, como o seu mestre Feijó, foram uma curiosidade entre os intelectuais protegidos e permitidos dentro da ordem da catolicíssima

*monarquia espanhola. As suas obras – singularmente as destinadas aos prelos – e muitas das cartas-relatório destinadas a notáveis são exemplo de filtração e contenção das ideias que se abriam passo pela Europa do seu tempo e ainda dos tempos e saberes mais recuados que viviam no fundo erudito, fidalgo e monacal galego (v.g. o alento de Francisco Sanchez, singularmente nas suas análises sobre a verdade popular, os cometas e o anticartesianismo).*

*14 Por isso, e mais que apenas suspeito (já que o meu saber e latins não me alcançam tão longe como a experiência e a razão), apresenta-se aos meus olhos tão notável o mais popularizado dos textos do bento. A cada encontro com as análises diversas da crítica filológica não posso senão me perguntar qual é a causa de que, em texto tão comentado, sempre se priorizar uma leitura linguístico-lexicográfico-etnográfica sobre o próprio conteúdo de carácter histórico-político-social que impede e desenvolve o texto. Conteúdo de fundo satírico que semelha estruturar o diálogo e outorgar-lhe uma mais profunda e coerente significação ao texto e até pôr lógica ao emprego nele – e como norma – da Língua galega durante os “Séculos escuros”.*

*15 Vejamos se sou quem de o conjecturar com jeito. Em 10 de Fevereiro de 1746 Fr. Martín Sarmiento, no século Pedro José Garcia Balboa, regressava a Madrid depois da sua viagem pela Galiza. Em nove de Julho do mesmo ano morria, ainda novo, no paço, o rei Filipe V. A 10 de Agosto era coroado rei Fernando VI com quem se abriam as expectativas de mudança perante um duro primeiro reinado borbónico. No prólogo do manuscrito intitulado: **Colección de Muchas palabras, vocês y frases gallegas que en el año de 1745 oi, lei y observé en Galicia, estando a divertirme en la villa de Pontevedra, en donde me he criado, y habiendo andado por varias partes del reino. À vez que se cria a ficção de verosimilhança, se destaca:***

*De aquella peregrinación por Galicia me volví a Madrid, a este monasterio de San Martín, a 10 de Febrero de 1746. En ese mismo año, a 9 de julio murió Felipe Quinto. Con esa ocasión y de la exaltación al trono de su hijo y nuestro rey Fernando el Sexto, salieron infinitas coplas y versos en varias lenguas, y las más prescribían varias máximas útiles para el buen gobierno que todos deseábamos. (81) [Colección de Muchas palabras... Cito por Mariño Paz, , R: Coloquio de vinte e catro galegos rústicos, Santiago, Consello da Cultura Galega, 1995, p. 111 ]*

*16 Para um homem atento ao seu século (compilador de livros e ideias, analista de efemérides, grande conversador e comentarista epistolar de todo sucesso político, cultural ou social), com capacidade crítica tão extraordinária como a que possui o nosso autor, semelha impossível desaproveitar a oportunidade sem destacar, com o seu habitual humor,*

*certas realidades político sociais que são as que se tratam na sua mais mencionada e mal interpretada peça, apesar da advertência sobre “a paradoxa” que antes que focar em paradoxo deveria fazer-se em “captatio benevolentiae”:*

*Remito á V.S. inclusos esos 15 pliegos de marquilla y de mi letra, que contienen una paradoxa de marca mayor.[...] En virtud de lo dicho y de lo contenido en los 15 pliegos inclusos, no necesito explicar á V. S. ni á ninguno en que consiste la paradoxa: qualquiera palparà que lo es el que, sin saver yo la lengua gallega, haya hecho en ella coplas y piense explicar todas sus voces, dándoles á casi todas el nobilíssimo origen de la lengua latina.*

*Los 8 pliegos contienen 1.200 coplitas al asunto de la muerte del Rey Padre en 1746, y a la exaltación de su hijo, nuestro rey, al trono. El prólogo dará razón de mi intento, y manifestará que todo ese número de Coplas no es más que una parte de lo que pensé poner en verso, según los muchos interlocutores que introduje. (76-77) (Colección de vocês y frases gallegas em coplas y um glosario de dchas voces por el Pe Mtro Sarmiento Ms cito por Mariño Paz, 1995, Op. Cit, p.106-107)*

*17 Semelha como se todos os críticos tivessem ficado perplexos ante tal paradoxo formal ou “maluquice” de escrever em galego que lhe entrou pelos 35 anos. Mas, cá penso eu (será o meu paradoxo, que também não sei língua galega, e nas mesmas me ando?) se não serão eles deste jeito os que estão como impedidos de continuar a ler no seguinte parágrafo em que destacamos o tema central – que reiterará mais adiante – da peça. Mas, quanto o subtil e socarreiro frade, acrescenta, consciente da sua “originalidade”:*

*No tengo noticia de que en la lengua Castellana se hayan hecho coplas con el estilo pueril o de los niños, salvo en tal cual villancico de navidad, y las 20 coplas del romance burlesco de Góngora, cuyo principio es*

*Hermana Marica  
mañana que es fiesta  
ni irás tu á la amiga  
ni yo á la escuela.  
[...]*

*Así pues escogí yo este metro y el estilo pueril gallego para imitar la sencillez de la narrativa en boca de dos niños y dos niñas que se hallaron presentes al asunto, o que imagino que se hallaron. Por esta razón huí de mezclar erudiciones y conceptos, por no hacer impropio semejante estilo. (77) (Ms. Cito por Mariño Paz, Op. Cit. p.107)*

*18 Podemos teimar quanto desejemos no conteúdo lexical do texto e empenhar os nossos esforços em leitura filológica. Mas não há dúvida que já no próprio texto, o autor, faz dizer a Marcos da Portela (antecedendo as críticas filológicas):*

*Direi as que ouvín,  
poreinas en versos,  
que así os meniños*

*podrán deprendelos.*

*Eu non sei de copras*

*e fáltame o enxeño;  
nen fixen cantigas  
no falar galego.*

*Fareinas, pois logo,  
cos ringróns pequenos,  
enxemplo das outras  
que cantan os nenos.*

*[...]*

*Aínda que sejan  
de pouco concerto,  
sejan como foren,  
serán ao meu xeito.*

*Heinas de cantare,  
e naquel ton mesmo,  
ou do saramago  
que naceu no teso.*

*Os homes xouvíos  
dirán, eu cho creo,  
Marcos da Portela  
relouca de vello.*

*¿E iso que importa?  
¿Que temos con eso?  
Se eu quero folgar-me,  
calen, pois, lavercos.*

*Heinas de cantare*

*no Monte Porreiro,  
quando nas cachadas  
sembrare o centeo.*

*Cando for á vila,  
para meu contento  
verein que as saudades  
cantando son menos.*

*Mais no día santo,  
se hai gaita ou pandeiro,  
alí miñas copras  
farán seu efeuto.*

*Cantaranas nenas,  
cantaranas nenos,  
bailarán os mozos,  
os mozos solteiros.*

*Por far-me mercede  
cantarán nos medios:  
"Marcos da Portela  
é poeta vello.*

*Marcos da Portela  
do Monte Porreiro  
é vello nos anos,  
é poeta neno"*

*(Quadras 86-99)*

*19 Para mim (encobridor e ironista habitual), o encobrimento tem carácter irónico, e como todos os textos de Sarmiento (autor que maioritariamente não escreveu para os prelos) tem uns destinatários muito concretos (e cúmplices). Logo neste texto a escolha de um galego pueril e "popular" dá passo a uma função satírico-burlesca: uma burla e um escamoteio de prestidigitador, não isenta de crítica para o desprezo dos castelhanos cara a Galiza e à sua língua e para os galegos que renunciaram a ela:*

*Los castellanos que no han estado ni en Galicia ni en Madrid, poco o nada entenderán de las coplas. Los gallegos que no estuvieron en Madrid, ni en Pontevedra, entenderán algo, pero no todo. Los Gallegos de Pontevedra, y que han estado en la corte, deben entenderlas todas. Y espero que sólo V.S<sup>a</sup>, aunque castellano, por haber vivido tanto en Pontevedra, y vivir actualmente en Madrid, ha de entender muchísimo del dicho coloquio poético. Y si yo lograra que, así las coplitas como el comento divirtiesen a V. S<sup>a</sup>, algunos ratos, para desenfadarse de tantas serias ocupaciones, no tomaría a mal que V.S<sup>a</sup> mirase como tiempo perdido, el que ocupé en escribir esos 15 pliegos.(78)[...]*

*Y siendo constante que para ningún castellano tienen atractivo alguno las coplas, y que ninguno de ellos se interesa en el origen de la lengua gallega; claro está que solo a mí, o a Javier, u a otros patriotas curiosos de Pontevedra, podrán servir de algo los 15 pliegos dichos.*

(MS, Cito por Mariño Paz, op. Cit, p. 108-109)

*20 Armados pois com o próprio método do erudito bento e conhecendo os vários precedentes não resulta aventurada esta suposição nossa. Na nota que precede imediatamente ao texto reitera-se o artifício formal (e um argumento superior ao da “recolha lexicográfica”):*

*Usé del estilo proporcionado a los que hablan en el; y para que tuviese alguna gracia, introduje rústicos y rústicas, y entre ellos chicos y chicas, para que, viendo el estilo rústico y pueril, se puedan acomodar las mismas voces al estilo más limado y culto. El argumento de las coplas se reduce a lo siguiente: finjo que varios gallegos y gallegas se juntaron en un campo, y que allí tuvieron sus coloquios sobre la muerte de Felipe V y el nuevo reinado de Fernando VI. (81)[...]*

*Finxo que el cura de Taboadelo, al mediodía del chan, estaba enfermo; y que ofreciéndosele al dicho Marcos ir a verle, le fue forzoso atravesar por el Chan; y que viendo allí tanto concurso de gente sentada, se paró, se sento y estuvo oyendo todo el coloquio, y que después se determinó a ponerlo en coplas a su modo, aunque jamás había hecho coplas; pero hizo estudio, y cuando él no hablaba por sí, de guardar el estilo de los que hablaron. Así cuando el habla, usa el común estilo, y cuando hablan los chicos usan del estilo pueril, cuando los hombres el estilo rústico, aunque grave, y cuando las mujeres, el estilo mujeril humilde, y todo en gallego. (82-83)*

(MS. Cito por Mariño, op.cit. p.111-113)

*21 Daquela poderíamos continuar e perguntar-nos: o “estilo pueril e rústico” é só um artifício com pontos cómicos que permite a incorporação de léxico popular ou não será mais certo que essa cópia lexical deslumbrante, esse salferir tudo de expressões populares, esse refraneiro, esse equivoco contínuo e anedotário, esses ditos e retruques com segundas entre homens e mulheres, agacha um encobrimento de maior envergadura? E ele não será um brinquedo satírico moral (ou político) apenas perceptível para aqueles de Pontevedra, amantes da Galiza e a sua língua e que viveram – pretenderam – na Corte?*

*22 Passemos ao Colóquio e questionemo-nos, aliás, se não foi numa Crítica excessivamente filológica – mais uma vez – e muito preguiçosa com o que é o galego, onde se cortaram as orelheiras que subtraíram ao texto o seu verdadeiro significado. E para melhor ler advirta-se ainda que o padre Sarmiento – como bom galego – gostava muito de equívocos:*

*Esta misma abundancia, y fecundidad de voces, se compone muy bien con la copia que tiene de voces equívocas la lengua Castellana. es error de algunos creer, que la multitud de equívocos que se hallan en las Poesías nuestras, arguye escasez de voces. No es así; antes bien infiere la mucha abundancia. No son equívocos inevitables, sino escogidos libremente. Quando mas, sería vicio del Poeta, no defecto de la lengua. [...] Así, que no hallo razón para que se vitupere el uso, sino el abuso de los equívocos en las Poesías Castellanas. Antes bien digo, que el feliz uso de ellos es el propio caracter de las Poesías satyricas, jocosas, y burlescas. (Martin Sarmiento, Memoria para la historia de la poesía y poetas españoles, Joachin Ibarra, Madrid, MDCCLXXV, #385-386, p. 161.)*

*23 Dolores Vilavedra, na linha de Pensado, Axeitos, Freixeiro Mato, ou a ASPG fazendo-se eco da tradição, não atinge a ver no texto de Sarmiento mais que o que enxergam Henrique Monteagudo ou Mariño Paz: um texto importante para o estudo histórico da língua. Curiosamente e também fazendo-se eco da mesma tradição atina numa estratégia parelha, quando faz referencia aos diálogos políticos de começos do XIX:*

*Repárese na dobre funcionalidade estratéxica da aparente transmisión oral destes textos: por unha banda, lexitimaba a súa credibilidade ó afirmar a súa orixe non ficcional, e por outra trasladaba as hipotéticas responsabilidades políticas que da súa autoría se puidesen derivar a un autor empírico anónimo. (Vilavedra, D.: Historia da literatura galega, Galaxia, 1999, p.99)*

*24 Para entendermos, logo, a força irónica e moralizante do texto era bem, talvez, deter-se no carácter propositadamente “grotesco” um tanto “esperpêntico” dos mediadores, através dos que conheceremos a Corte borbónica (já daquela Corte dos Milagres). Marcos da Portela, rústico engenhoso, petrúcio popular renarte e sabido, um tanto contrário do poder, por meio de quadras populares, vai recolher as impressões de um colóquio de trabalhadores galegos iletrados (e também, e como nos tempos de Lugrís ou de Concha Rousia, de comentários à primeira vista parvos mas subversivos), que tiveram lugar em um remoto lugar do império das Espanhas: O Chão de Taboadelo.*

*25 Atenda-se que a rotura anticlássica entre o narrado e os narradores-interlocutores provoca uma “inadequatio” que tem que ser antifrásica e logo forçosamente irónica. Tema tão grave e digno requereria de rotundos e sapienciais versos elegíacos, postos em boca dos Deuses, de ninfas, graves cavaleiros ou altíssimas senhoras e em entorno de natureza bucólica ou arcádica. A escolha de língua e “estilo pueril gallego” semelharía dislate em Sarmiento senão quisesse introduzir por meio deste clássico recurso, a mais radical das críticas, mas furtando-lhe o lombo aos paus.*

*26 Leitor de Erasmo, crítico mordaz do ímpio d’Espinoza e profundo conhecedor de Cervantes e o Quixote, o bento vai despregar perante os nossos olhos e através das impressões de vários iletrados, rústicos e galegos, uma Corte inteira, com toda a sua pompa e cerimónia; todas as possantes ordens religiosas; toda a grande nobreza da Espanha. E, precisamente, no momento transcendental do enterramento do Rei que entronizara – com uma clara oposição de boa parte dos reinos da Espanha – ao primeiro monarca da Casa de Borbom.*

*27 Comitiva, Corte e Monarca que serão descritos, como veremos, nada amavelmente e num jeito que recorda o talento do velho Arcipreste de Hita, os escarnhos medievais ou muita da Literatura liberal do primeiro XIX. Sem esquecer como modelos e precedentes imediatos nem Quevedo, nem o combativo Torres Villaroel no seu momento de glória literária. Para mais exemplo é bom ler com detalhe no Colóquio algumas quadras:*

*171-172 Crítica à Corte  
218-229,  
246-248 Morte  
267-270 Ridiculização do Corpo do Rei morto  
275-295 Ridículo das solenidades e do boato  
308-319 Crítica às ordens religiosas  
325-334 Crítica de costumes dos cregos, frades e conventos  
335-345 Corpo do rei (fedendo)  
346 Procissão  
351-352 Comparação com a Santa Companhia  
371-376 Lamentos (irónicos?) pelo Rei  
382 Filhos e família do Rei*

*28 E tudo dito num tempo de desassossego e justo após os galegos, mais uma vez, como desde início do XVII, andarem na Corte a espreguiçar o velho lobby, tentando influir na marcha suicida da Espanha. Boa parte do Colóquio foca-se na descriptio e laudatio da Congregação de Nobres galegos (da qual o próprio autor fizera parte). Além do inegável conteúdo político associativo da Congregação de Nobres galegos, é mui importante destacar a descrição contrastiva do culto ao Apóstolo Santiago. Isso sim, nomeando o Rei Phelipe Irmão maior da Confraria (ai, estes galegos de Madrid...). Trata-se, pois, neste 1740, do primeiro Centro Galego, nado, ao que parece, como reagir dos notáveis do Reino à chegada do Centralismo e da modernidade.*

*29 Uns anos depois, fundará-se em B. Aires a "Congregación del Apóstol Santiago el Mayor, de Hijos y Oriundos del Reyno de Galicia". Constituída em 1787 será origem do soado "Tercio de Gallegos" que com 600 homens será o segundo regimento em importância da*

*nascente República do Prata, quanto o grande protagonista na guerra contra os Ingleses e na Batalha de Buenos Aires (1806).*

*30 É importante este agrupamento arredor do patrono da Galiza com as características privativas (o peregrino e o cavaleiro) e à vez como patrão de Espanha e orgulho da Galiza. Velha reivindicação da memória e pegada da Galiza, da dívida histórica, na História oculta de uma Espanha cada vez mais espanhola que se agita em propaganda durante o século XVII e que rexurdida no calor da Francesada tomarão desde Murguia até o mesmo Castelão. Nesta linha a teimuda insistência de Sarmiento em nomear Galiza como Reino, não pode ser acaso nem arcaísmo quando desde 1713 os decretos de Nueva Planta reordenaram as Reais Audiências e Chancelarias da Coroa de Castela, organizando as províncias e intendências e fazendo desaparecer os Reinos tradicionais, à par das identidades.*

*31 O Apóstolo é um elemento icónico, como o escudo, polémico e complexo no processo de nacionalização desde os tempos de Afonso X. Não por acaso, o merlinesco filho do trovão, o Mithradir da barba dourada, a cada vaga espanholizadora é ameaçado de substituição pelo bárbaro culto Mariano (sempre associado e ainda hoje à ortodoxia católica mais radical: Virgem Maria, Virgem de Atocha, Virgem do Pilar, Virgem do Rosário), ou por outros santos locais menos galegos (Teresa de Jesús, Ignácio de Loyola).*

*Dixome meu dono  
que alá noutro tempo  
já à mais de seis anos [1740]  
que os homes Galegos,  
Qu'em Madrid vivian,  
de paso ou de asento,  
cuidarâran que todos  
com voto perpétuo  
sempre se ajudassen,  
juntiños, sem medo  
num-ha cofradia  
ou num regimento:  
Ou que se fixese,  
com homes privilexos  
A Conguergazón  
dos Nobres Galegos.  
A primeira Junta  
que ouvo sobre desto,  
foi na quinta feira,  
a dez de Novembro,  
Do ano que andaba,  
e iba correndo,  
de corenta, justo,  
se Lembraba o cego,*

*Nela se juntaron  
muitos cabaleiros  
e muitos señores  
é frades, é cregos.  
Eran entre todos  
bem mais de dous centos,  
todos muy devotos,  
todos muy discretos  
Alí se escolheu  
por Patron señoiro  
da Conguergazón  
dos Nobres Galegos  
Ao nosso Santiago  
Apostol de Deos,  
filho do trebóm  
e do Zibadeo.  
Que é rayo, é centelha  
contra os Mouros pretos  
que os fende, que os zarra\*  
que os racha por medio;  
E que e Sol e Lua  
e Luz e Lostrégo  
para os Españholes:  
mais para os Galegos*

O nosso Patrón,  
santiño bem feito  
da barba dourada  
que está no seu erdo,  
Sentado e vestido  
cal fora Romeiro,  
com sua Escraviña,  
e cô seu chapeo,  
Que têm muitas conchas  
sô do mar do Reyno  
conchiñas vieiras  
abondo, es desejo  
Na màn o bordón,  
bem posto, e dereito  
com a cabaziña  
que val muito prezo  
Com à Compostela  
no seu lado ezquedo  
em que están fechados

os catro Evangellos  
Todavía qu'antes  
por votos recéseos  
já era de Espanha  
sô Patron pirmeiro  
A Conguergazón  
por hum novo afeuto  
de novo ó escolheu  
Patron mais de preto  
O primeiro Irmàn  
Mayore, è primeiro  
qu'a Conguergazon  
dos ditos galegos  
tivo foi Phelipe  
que esteja nos ceos  
Pay do nosso Rey  
Don Fernando Sexto.

(Ms, fol. 44 Quadra 781 a 801)

32 Aliás, é interessante como no Colóquio (802-911) seguem-se à Notícia da Congregação a descrição das honras fúnebres do Irmão maior (o Rei defunto) em 16 de Agosto de 1746, com um contraste claro com as anteriormente descritas da Corte. Músicas, costumes, santos e sérias saudades galegas, num contexto grotesco de estranhamento e alheamento e com um concreto denunciar:

864 -866  
Ouvim que chamabam,  
è que era galego,  
Fray Martin Salgado,  
hum grande maeso.

E que iste nazira  
de pais cabaleiros

acá em Santiago  
já fay muito tempo.

Dixo muitas cousas  
de qu'eu non me lembro  
todo en castellan  
o qu'eu non entendo.

33 As quadras finais deixam uma esperança pela melhora da situação para os galegos (e talvez para o governo se nele há galegos) com o novo rei:

Um millor agoiro  
esperando em Deos  
nos dá nosso Rey  
dn Fernando Sexto (1034)

34 Mas é evidente a denúncia contra decretos e práticas de prender os moços galegos que voltavam da sega para ir servir nos exércitos e nas guerras da Espanha. É curiosa a ironia e animalização que nos lembra aquela Máscara fora do Pardo de Andrade, quanto a denúncia constante da poesia feminina galega (da Cantiga de amiga a Rosalia), Galiza sem homens quedas:

1046  
Os nossos paysans,  
que tiveran medo  
de ir à segare  
os trigos alleos  
porque dos soldados  
tiñan arrecò,  
viran, é de cote,  
muitos e mui ledos,  
Bem savedes, homes  
que habia degredo  
que prender mandava  
todos os galegos  
depois que acabasen  
de segar;é crèò  
que muitos fugiron  
asi que o souberon

1050  
Querian pescàlos  
á todos arrèò,  
cal se fosen peixes  
com seus estromentos  
[...]

1054  
Diz que habian de ire  
à guerra mui lexos,  
atados com cordas

é espousas de ferro  
hasta Mombardia  
que é terra de demos,  
à fazer alarbios  
é morrer de certo.  
Agora as mulleres  
Que estaban gemendo  
Por non se casaren  
Acharan remedio.  
[...]  
1059  
Sein que en Porto Novo  
Juntiño a San Xenxo,  
Se fixo ó reconto  
de mozas e nenos.  
A trescentas mozas  
só sete mancebos  
tocaban que fosen  
homes casadeiros.  
Se as paces se fan  
Cuido que veremos  
Que faltan rapazas  
Para casamentos.  
Tamén esperamos  
Que con rey tan reuto  
Á paz é justiz  
Reinen nos seus reynos.

35 Há um elemento mais que apoia uma leitura irónica e política, contextualiza e engrandece o texto para além da crítica filológica. As impressões de estrangeiros imaginários, ignorantes sobre os usos e costumes de uma época ou lugar eram uma forma literária mui em voga no momento da redacção do Colóquio. Ainda que não sabemos de certo, não seria estranho que Sarmiento consultasse a estranha **Viage de Turquia (Odisea de Pedro de Urdemalas)**, manuscrita na Biblioteca que pertencera a Gondomar, ou o **Cróton**, com quem comparte essa ostentosa imitação dos Antigos que mascara (como nos aprendeu Marcel Bataillon) uma utilização cínica dos modernos. Este recurso clássico da erudição erasmista (e da galega) está mui presente, diríamos à moda, desde a publicação das **Lettres persannes** (1721). Era este um género que permitia expressar mediante uma pessoa interposta e alheia, críticas (moralizadoras e sociais normalmente) e estupores a respeito da estrutura social e política do próprio país. Como é sabido, o êxito das Cartas persas de Montesquieu foi imenso, registrando mais de uma dúzia de imitações na França e inúmeras no resto da Europa dos XVIII e começos do XIX.

36 Desta arte o recurso passou para a outra banda do Atlântico, as pujantes colónias da América do Norte, onde o viçoso magim de Benjamim Franklin, acabou por dar saída aos seus desejos pedagógicos à vez que as suas legítimas arelas de prosperidade. O inventor, impressor e pai da pátria da Democracia e grande devorador de clássicos vinha, desde 1732 (até 1758) publicando o soado **Poor Richard's Almanack**: conjunto de notas, aforismos e conselhos úteis em forma de contos ou sentenças populares. O Poor Richard's viajou da Inglaterra até a França, onde foi notavelmente traduzido. Não é de desconsiderar tampouco este precedente da figura do Tio Marcos da Portela, por quanto Franklin era bem conhecido na França Pré-revolucionária (o que quer dizer na Europa toda) onde foi embaixador dos insurgentes (1776-1785).

37 De qualquer jeito, personagens e estética não são – ao meu entender – um originalismo ou mera imitação do “natural” de Sarmiento. A figura do Tio Marcos da Portela e os seus contertúlios permitem-se umas liberdades e conselhos que lembram mui muito o jeito dos Diálogos que durante toda a centúria e a seguinte ensaiariam, como réplica aos Catecismos religiosos e patrióticos, tanto os progressistas europeus como os dos sectores acordes com a Igreja católica.

38 Seja como for e dado que nós também temos conhecido e tratado vizinhos e paisanos que bem dariam o perfil do Tio Marcos, o Colóquio teve – apesar de permanecer manuscrito – o seu êxito. Ficando como o referente que tão notavelmente recolheriam e engrandeceriam, agora já com um carácter nitidamente galeguista moderno Joan Manuel Pintos, em **A Gaita Gallega**, ou Lamas Carvajal. O caso de Lamas Carvajal é mais complexo, por quanto o seu Tio Marcos, muito mais achegado á tentativa crematística de Franklin, superará em fama e simbolismo as conservadoras ideias do seu criador.

39 E de qualquer jeito o que referencia explicitamente Sarmiento no prólogo está no texto após uma longa apresentação seguindo o ritmo e jeito popular do que vai ser narrador introdutor. Como em toda a obra popular (ou galega anterior à Nova Narrativa galega) a substância da história está no meio, no cerne das anedotas e após as palavras de despiste que são a um tempo disfarce e código. Apenas, como na nossa oralidade e conversa, há que estar atento às entradas do código, à intencionalidade e ao contexto, conceder inteligência e respeito ao nosso interlocutor (mas quando é provada a sua sabência) e conhecer o que é acessório, colorido, ou simplesmente pertence a outras críticas e histórias. O mesmo que quando escutamos a raiva dissimulada que destila um paisano numa taberna em presença de orelhas, representantes do poder ou de cacique.

*40 Mas calemos e que fale o Tio Marcos do Sarmiento. Fiquem cá no PGL alguns versos e ideias que, se não fossem de bento erudito e do século XVIII, mais de um juiz havia pensar se não seria cousa de “proceder”. De facto e como sabemos que faria em caso de ler o mesmo argumento em quadradinhos de El Jueves, ou após uma qualquer manifestação em que se queimasse bastante menos que no Colóquio a efígie régia do Poder.*

## Apêndice. Umas notas rápidas pelo texto da BVG

\* \* \*

- Para uma escolma mínima veja-se parte do texto na (Biblioteca Virtual Galega) [BVG](#)
- Para uma reprodução bastante fraca do manuscrito atribuído a Sarmiento: [Coloquio en mil duascentas coplas galegas](#). (CCG);
- Para uma edição semipaleográfica (com reticências a respeito dos comentários e notas): Mariño Paz, R: *Coloquio de vintecatro galegos rústicos*, Santiago, Consello da Cultura Galega, 1995.

[...]

*Agora, pois, vamos  
dicindo nos versos  
que cousas falaron,  
que cousas dixeron.  
[...]  
Andrea da Chouza,  
muller de bon quedo,  
por todas falou  
e dixo: - Non creo  
que vós, que ora vindes  
de alá de Toledo,  
non saibais as novas  
que acá ja correron.*

*A máis lastimeira  
que corre ja ha tempo  
é que o noso rei  
finou sen remedio.*

*Na vila non dicen  
cousa de proveito;  
todos tén saúde,  
as grazas a Deos.*

110

*Se non que n'ha muito  
que algúns ja morreron  
do mal das vexigas,  
mulleres e nenos.*

(N.B. Interessante o contraste irónico, Casualidade?)

*Outros de maleitas,  
que estaban tremendo,*

*sanouos a Morte  
con poucos remedios.  
[...]*

*Estas son as novas,  
embora as contemos;  
agora, compadre,  
containos, vos prego,*

*a morte do rei,  
que acá non sabemos  
como e cando foi  
o seu seimento.*

*Contáinolo axiña,  
que ja será vello  
alá en Madril  
e mais en Toledo.*

ANTÓN DE DOMAIO:

*- ¡Jesús, que doudice,  
Tomasa!; ben vejo  
que teus pais e avós  
son de Carvalledo.*

133

*¿Ti cuidas que os homes  
da sega volvemos  
vindo por Madril  
e entramos adentro?*

(N.B. A sega em Castela, o trato aos galegos)

*Non, miña querida,  
nós non che podemos  
falar nin migalla  
do que alí foi feito.*

*Algunha cousiña  
que ouvimos de lexos  
aínda dempois  
diremos se hai tempo.*

*Testigos de vista  
só os catro pequenos  
que en Madrid serviron  
isos podrán selo.*

*(N.B. A emigración e o servir em  
Madrid)*

*137  
¡Ai ti, Peruchiño!,  
conta por extenso  
que viche en Madril  
na morte e no enterro*

*do rei, noso dono,  
dos choros, lamentos,  
das cousas que logo  
dempois se fixeron.*

*E ti, Maruxiña,  
eméndalle os erros  
a vez que Perucho  
se esqueze do certo.*

*Tamén ti, Minguña,  
pois viche o suceso,  
dinos o que viche  
ou torto ou dereito.*

*Se non te lembrares  
de todo e de presto,  
Xepiño, que é pronto,  
dirá teus defeutos.*

*PERUCHO DOS MERLOS:  
142*

*-Eu? ¿Seica vós tendes,  
Antón, o desejo  
de ouvirme entre tantos  
falar como neno?*

*¿Eu, mal pecadiño,  
contar por extenso  
cousas atán grandes  
que alí sucederon?*

*Aínda se foran  
os zapatos vellos  
que merquei nas rúas  
e din ao maeso;*

*aínda se fora  
por darvos contento,  
decirvos en como  
berraba correndo*

*"patuyá, patuyá",  
descalzo e famento;  
"tuyá, apatuyá,  
¿hay zapatos viexos"?*

*Aínda se fora,  
contara sen medo  
qué couces, qué croques,  
qué azoutes me deron*

*porque non berraba  
máis alto que o ceo;  
vendise zapatos  
se tiña algúns vellos.*

*Aínda se fora,  
n'importa o segredo,  
que cousas meu dono  
facía no eido*

*de noite furtando,  
de día a pé quedo,  
aos vellos zapatos  
botando un remendo,*

*a vez que non viña  
con min derradeiro,  
na capa embrullado  
ajustando o prezo.*

*Aínda se foran  
cousas de tal geito,  
falara por vinte,  
contara por centos.*

*Mais cousas da corte  
e tanto misterio,*

*¿eu? ¿Quen cho dixera,  
Perucho dos Merlos?*

*O máis que eu farei,  
se podo facelo,  
a voa compañía  
cumprindo o desexo,*

*será, pouco ou muito,  
contar, se me lembro,  
o que ouvín de longe,  
o que vin de preto.*

*Tende conta, homes,  
mulleres e nenos,  
as cousas e todo  
que direin; comenzo:*

*Antes de San Xoán  
viran de Arangüeso  
o rei máis a reina  
cos reás mancebos.*

*Viran con saúde,  
estaban mui ledos  
todos no Retiro,  
pazo de recreo.*

*Ja tiñan disposto  
coller o vieiro  
cara a Valsaiño  
a catar o fresco,*

*cando de repente,  
un día, por certo,  
día de más fadas,  
triste e mui funesto,*

*161  
a nove de xullo  
do ano que temos,  
ás dúas da tarde,  
pouco máis ou menos,*

*o rei don Phelipo,  
estando nõ leito,  
non sein se durmindo,  
non sein se desperto,*

*pois tiña costume,  
dempois de algún tempo  
de erguerse de noite,  
deitarse mui cedo.*

*Non era malato  
nen estaba enfermo,  
mais un accidente  
colleulle de recio.*

*Déronlle uns caldiños  
mui quentes de presto;  
tamén matan caldos  
quando quere Deos.*

*Deulle un gran salouco,  
fixo un gran bostezo,  
cando unha fechiña  
chegou ao gorgeiro.*

*"¡Oh mon Dieu, mon Dieu!",  
falou por extremo;  
quedouse en "mon Dieu"  
morto sen remedio.*

*(N.B. Convêm muito destacar  
este fragmento já que destaca  
irónico ele que o rei das  
Espanhas, O primeiro  
centralista e inventor da Nova  
Planta morreu em Francês)*

*Faltoulle o resollo  
e mais os meneos;  
sen febre e sen dore  
se foi para o ceo.*

*Corenta e seis anos,  
meses máis ou menos,  
foi rei das Españas  
e mais doutros reinos.*

*Por fin ja finou,  
¡ai, ai, que tormento!  
¡Quen cho nos dexera,  
cousa tan sen tempo!*

*Morreu de repente  
sen junta de médicos;  
aínda por iso  
sen os sacramentos.*

*Habendo no pazo  
sempre muitos cregos,  
de veces un frade,  
ninguén foi de preto.*

*(N.B. O Rei da Monarquia católica, morreu sem os sacramentos, terrível cousa e, além disso, boa crítica para os cregos e frades que inçavam na Corte)*

*"É morto de súbito el-rei" -dixo presto un que chaman Scoti, cuido que é marqueso.*

*A reina, sen folgo naquele momento, nen falou mingalla nen fixo meneo.*

*Non tiña consolo, non podían telo, seus fillos e nora en tan triste apreto.*

*Foi nun día sábado, cando todos cremos que a reina dos anjos fai os seus misteiros.*

*Era mui devoto e mui rezadeiro da Virgen da Atocha, que lle deu o reino.*

*(N.B. Acho que cá também vai ironia, já que a Virgem de Atocha fora uma mais que pretenderam pôr ao lado ou substituir mesmo a Santiago de Patrão das Espanhas por sê-lo da Galiza).*

*Por iso no pazo aínda están certos que a Virgen María o chamou ao ceo.*

*Nada disto vin, e vos llo confeso, non venden no pazo os zapatos vellos. (Ironia de novo?)*

*Ouvino decire naquel día mesmo;*

*a quen, como, en donde direin sen rodeo.*

*Estaba eu falando na rúa do Espello con outro rapaz, e tamén gallego.*

*Seu nume Inaciño, que andaba vendendo nas rúas habanos grandes e pequenos.*

*Non cuidés que habanos seica son os mesmos cós que ó lume asopran nos lares os nenos.*

*Non, son de papele cumpridos dun prego, pregados, redondos, pintados no medio.*

*Con estes as donas de pouco diñeiro se asopran, desbafan, se dan ó ar fresco.*

*Este, pois, me dixo o que ja, por certo, vos teño contando, sen falta nen erro;*

*que asín o ouvira a Amaro Soutelo, que era da Carnota e mais carboeiro,*

*a quen llo dixera Bernaldo do Bierzo, lacaio do pazo, palaquín de pesos.*

*E que este o soupera de Afonso Mouquelo, un dos frega-pratos naquel pazo mesmo,*

*en donde á tardiña, por máis señas desto, a Afonso llo dixo un home ja vello*

*que tiña no pazo  
por vida o emprego  
de atizar matulas,  
mudar candieiros.*

*E que este, por postre,  
ouvira que a un crego  
llo estaba contando  
un señore quedo*

*que fora presente  
ao triste suceso  
no tempo dos caldos  
e mais do bostezo.*

*(N.B. A verosimilhança e mais a  
rede de comunicação – ironia  
também – dos galegos em  
Madrid)*

*MARUXIÑA:*

*- ¡Jesús, Peruchiño,  
que conto tan cheo  
de cousas sen zelme  
e mais de arrodeos!*

*(N.B Autoparódia)*

*¿Que fan as matulas,  
que fai o Mouquelo,  
que fai a Carnota  
no caso que temos?*

*Fai, neno, o que fas,  
non sejas toleiro,  
conta todo axiña,  
fala máis dereito.*

*Fala pan por pan,  
déixate de algueiros,  
conta só as cousas  
que fan ao suceso.*

*Tamén quero hoje  
gastar algún tempo  
contando o que vin,  
decir o que penso.*

*PERUCHO:*

*Maruxa, Maruxa,  
¿eu seica cho nego?*

*Eu falo o que seín,  
ti fala ao teu geito.*

*Non metas balbordo,  
que eu non son rincheiro,  
nen teñas cabuxo  
porque fun extenso.*

*O caso foi grave  
e pide concerto,  
se se ha de contare  
a gusto e desejo.*

*Cala, pois; prosigo,  
que queren sabelo  
os desta compañía  
todo polos dedos.*

*¡Se virades, homes,  
depois que souberon  
a morte do rei  
os frades e cregos,*

*soldados e xefes,  
mulleres e nenos,  
os probes e ricos  
e mais os dos gremios,*

*os grandes señores,  
as monxas e vellos  
e mais as das prazas,  
que están nuns cubertos!*

*¡Que gritos, que choros,  
que lutos, que berros!  
¡Que cousas decían,  
e todos gemendo!*

*"¡Ai, ai, noso rei  
morreu nun momento!",  
falaban, choraban,  
e todo a un tempo.*

*Con estes ouvidos  
ouvín a un cego  
chorar na zanfona  
con son lastimeiro.*

*Choraba, cantaba:  
"Jesús, Padre eterno,  
¿que présa corría  
a morte do reino"?*

[.]

*Así todos, todos  
os sinos, a centos,  
que están nas igrexas  
e mais nos mosteiros,*

*campás e chocallos,  
grandes e pequenos,  
fendían o aire,  
queixábanse ao ceo.*

*Facían tal ruído,  
estrondo e lamento,  
que nos aboujaban  
sen achar remedio.*

*Dempois non o vin,  
mais supen, por certo,  
que o corpo do rei  
o lañaron presto.*

*(N.B. Cá é o engraçado pois  
subtilmente o rei passa a ser  
descrito como uma vulgar  
conserva (um porco?).*

*Segundo o e-Estraviz: Lanhar v.  
tr. (1) Gretar, fender. (2) Abrir o  
peixe para salgá-lo. (3) Abrir a  
carne para introducir sal e  
outros temperos. v. i. e r. (1)  
Gretar-se. (2) Cortar-se. Sinóns.  
Afligir, adulterar, estropiar, ferir  
[lat. laniare].*

*Sacáronlle a maga,  
botáronlle drento  
sal e mais vinagre,  
allos e mais cheiros.*

*(N.B. Mais sarcasmo, o  
embalsamado é descrito como  
um adubo)*

*Porque non fedese  
o corpo algún tempo  
o atustullaron  
de muitos ingüentos.*

[...]

TERMINOU-SE ESTE TEXTO  
DE CÂNONES E CANÕES  
PARA O PORTAL GALEGO DA LÍNGUA  
ESPECIAL ENTRUDO  
ESCREVEU ERNESTO VÁZQUEZ  
CORRIGIU SALVADOR MOURELO  
DIAGRAMOU EUGÉNIO OUTEIRO  
MMVIII



L  
SAV DE  
O

\*\*\*\*\*

# DE CÂNONES E CANÕES

\*\*\*\*\*



PORTAL GALEGO DA LÍNGUA

<http://www.agal-gz.org>